

FRANCISCO DE ASSIS: MESTRE DOS ANIMAIS, EXEMPLO DOS HOMENS

FRANCIS OF ASSISI:
MASTER OF ANIMALS, EXAMPLE TO THE MEN

Rafael Afonso Gonçalves *

Correspondência

Av. Eufrásia Monteiro Petrágia, 900, Jardim Antônio Petrágia.
Franca – São Paulo – Brasil. CEP: 14409-160.

E-mail: rafael_ag13@yahoo.com.br

Resumo

São abundantes as passagens sobre os encontros entre Francisco de Assis e os animais nos escritos daqueles que, como Tomás de Celano e Boaventura, se propuseram narrar a vida do santo. Tendo em conta a importância das hagiografias para a promoção de um programa de princípios adotado pela ordem religiosa fundada por ele, bem como para disseminação de seus exemplos, o objetivo deste artigo é examinar escritos sobre a vida de Francisco nos quais os animais são tratados para refletir sobre as virtudes, a obediência a Deus e a fraternidade.

Palavras-chave: São Francisco de Assis; animais; hagiografias.

Abstract

The passages on the encounter of Saint Francis of Assisi and the animals are plentiful of the writings of those who, as Thomas of Celano and Bonaventure, committed themselves to narrate his life. Taking into account the importance acquired by hagiographies to the promotion of the principles of the religious order he founded, and for the dissemination of its examples, this article aims to examine the writings about Francis's life that the animals are used to think about the human virtues, the obedience to God and the fraternity.

Keywords: Saint Francis of Assisi; animals; hagiographies.

* Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Franca) e pesquisador (Pós-Doutorado) vinculado ao Projeto Temático “Escritos sobre os novos mundos”, financiado pela FAPESP e sediado na UNESP, Campus de Franca.

Apresentação

No fim de sua *Legenda Menor*, obra dedicada a contar a vida de São Francisco, escrita em meados do século XIII, Boaventura retoma os sete elementos abordados no texto, que, segundo ele, denotavam a santidade alcançada pelo pobre de Assis. Além da excelência de suas virtudes, a eficácia de sua pregação e a impressão das “sagradas chagas” em seu corpo, Boaventura elencou, como sinal de sua perfeição, “a docilidade” com que os “seres irracionais” agiam diante dele.¹ Os encontros de Francisco com os animais são frequentes nos escritos daqueles que se propuseram narrar as passagens de sua vida, colocando em evidência a importância atribuída por seus coetâneos à maneira como ele se relacionava com a criação. Quadrúpedes, aves, peixes, insetos, enfim, diferentes tipos de “bestas” são lembrados por seus primeiros hagiógrafos para descrever seus exemplos e milagres.² Além de tratar da convivência de Francisco com a fauna em um dos sete capítulos de *Legenda Menor*, Boaventura discorreu sobre o assunto em sua *Legenda Maior*, versão inicial e estendida daquela obra, em um capítulo intitulado *Do sentimento de compaixão e como as criaturas irracionais pareciam devotar-lhe afeto*.³ Ao lado desses, outros trechos presentes nos relatos sobre o santo de Assis mencionam os animais para contar como esses reagiam a suas palavras e atos.

Passagens como essas, no entanto, tão abundantes nas hagiografias, passam ao largo dos escritos produzidos por ele próprio.⁴ É atribuído a Francisco um conjunto relativamente amplo de textos, entre eles, obras normativas, cartas, admoestações, súplicas, cânticos e louvores. Em uma das primeiras versões da *Regra*, escrita por volta de 1221, conhecida como *Regra não bulada* por ter sido rejeitada pelo papa Honório III, as bestas são lembradas apenas para decretar a seus discípulos que “jamais tenham algum animal consigo ou com outros ou de alguma outra forma”.⁵ No *Cântico das criaturas*⁶ – chamado também como *Cântico do Irmão Sol* –, considerado uma das expressões máximas da postura adotada por Francisco diante da criação, ele discorre sobre a Lua, as estrelas, a água, o fogo, as flores e as ervas, mas não consagra uma linha especificamente aos animais. O silêncio guardado a respeito de seu contato com a fauna, todavia, é mitigado por algumas passagens presentes na *Exortação ao louvor de Deus* ou na *Saudação das Virtudes*. Tais obras sugerem sua propensão para incluir os animais dentro do espaço de reflexão e atuação de seus

¹ BOAVENTURA. *Legenda Menor de São Francisco*. In: *FONTES Franciscanas*. Santo André: Editora Mensageiro de Santo Antônio, 2004. Cap. VII, sent. 9.

² Pelas descrições sobre sua relação com o mundo natural, em 1979, Francisco foi declarado patrono dos ecologistas, com o suporte, inclusive, de alguns historiadores. Cf. WHITE, L.T. Jr, *The historical roots of our ecologic crisis*. *Science*, Nova Iorque, v. 155, n. 3767, p. 1203–1207, 1967.

³ BOAVENTURA. *Legenda Maior de São Francisco*. In: *FONTES Franciscanas, Op. cit.*, cap. VII.

⁴ VAUCEHZ, André. *Francis of Assisi. The life and afterlife of a medieval saint*. New Haven, London: Yale University, 2012, p. 276.

⁵ SÃO FRANCISCO. *Regra Não Bulada*. In: *FONTES Franciscanas, Op. cit.*, cap. XV.

⁶ Idem. *Cântico do Irmão Sol*. In: *FONTES Franciscanas, Op. cit.*

discípulos, mas não foram elas as principais responsáveis por disseminar um modo exemplar de como se comportar diante do conjunto de animais colocados sobre a Terra. Esse papel foi desempenhado, ao que tudo indica, pelas hagiografias dedicadas a contar sua vida.

Nascido em algum período entre 1181 e 1182, em uma comuna italiana que, assim com outras tantas daquela região, estava engajada nos conflitos surgidos pela sucessão do trono do Sacro Império, Francisco passou a juventude consumido pelas incursões cavaleirescas e pela vida no século.⁷ Já em idade adulta, como contam suas hagiografias, ele abriu mão das benesses de um filho de mercador, despojando-se de todos seus bens, para dedicar-se ao serviço de Deus. Inspirado no número de apóstolos de Cristo, Francisco angariou os primeiros doze discípulos antes de apresentar ao papa, em 1210, a primeira versão de um regimento para a comunidade que ele intencionava fundar. O regimento da ordem, que passava então a ser denominada Ordem dos Menores, recebeu de Inocêncio III uma primeira aprovação verbal, que viria a se tornar oficial apenas algum tempo depois, em 1223, com a admissão de uma nova versão da *Regra* pelo papa Gregório IX.⁸

Durante a trajetória de sua vida religiosa, Francisco escreveu para instruir seus confrades, para definir sua atuação e, também, para manifestar seus louvores a Deus. A ausência das narrativas sobre seu convívio com a fauna em seus escritos explica-se, em parte, por eles não terem como finalidade discorrer sobre seus próprios feitos. Além disso, pode-se considerar que, ao relatar seus encontros com os animais, seus hagiógrafos desejavam destacar justamente um aspecto de sua vida e personalidade que deveria servir de exemplo para seus confrades, tanto pela perfeição de suas virtudes quanto pela rigidez de sua fé no Criador.⁹ Francisco morreu em 1226 e, pouco tempo depois, em 1228, foi canonizado pelo papa Gregório IX, que encomendou a um de seus companheiros, Frei Tomás de Celano, a escrita de uma narrativa sobre a vida do santo. Cerca de vinte anos depois de ter finalizado aquela que ficaria conhecida como a *Primeira vida*,¹⁰ por conta de pedidos de outros frades que desejavam complementar as histórias com passagens não contempladas na primeira obra, Celano foi chamado novamente, em 1248, a redigir outra versão da vida de Francisco, que passou a ser denominada de *Segunda vida*.¹¹

Em ambas as versões, esse primeiro hagiógrafo oficial lança luz sobre a convivência de Francisco com os animais, disseminando entre seus leitores não apenas a maneira como esse homem agia diante deles, mas também o comportamento que os animais lhe retribuía. Considerando a significativa presença de descrições sobre o contato entre o santo e os animais nas histórias sobre sua vida, assim como a im-

⁷ LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 62-69.

⁸ *Ibidem*, p. 86.

⁹ Cf. HEFFERNAN, Thomas J. *Sacred Biography: Saints and Their Biographers in the Middle Ages*. New York: Oxford University Press, 1988.

¹⁰ CELANO, Tomás de. Primeira Vida de São Francisco. In: *FONTES Franciscanas, Op. cit.*

¹¹ CELANO, Tomás de. Segunda Vida de São Francisco. In: *FONTES Franciscanas, Op. cit.*

portância dessas histórias para a definição de uma conduta modelar para seus discípulos, o intuito do presente texto é apresentar alguns apontamentos sobre o modo como esses dois hagiógrafos de Francisco descreveram sua relação com as bestas. Sem almejar estabelecer os acertos e os erros desses autores sobre a postura adotada por ele diante dos animais, o objetivo aqui é entender, em linhas gerais, os parâmetros dos quais seus hagiógrafos se valeram para associar os atos do santo aos movimentos do mundo natural.

É pertinente lembrar, nesse sentido, que a escrita de uma versão oficial da vida do santo foi motivo de controvérsia no interior da Ordem por ele fundada, sobretudo no que dizia respeito ao teor de alguns de seus ensinamentos. Dando a Francisco contornos para reivindicar a posição que julgavam mais apropriada, tais escritos foram importantes para definir as diretrizes tomadas por seus sucessores na condução da Ordem. O conflito entre os franciscanos conventuais e os espirituais, como ficaram conhecidos os dois principais grupos envolvidos nessa querela, ocasionou, em 1260, a encomenda de uma nova hagiografia, confiada agora a Boaventura.¹² Seis anos mais tarde, foi determinada a destruição e, por conseguinte, a proibição da leitura de qualquer outra narrativa sobre a vida do santo. Se os conflitos surgidos no interior da ordem podem explicar as nuances apresentadas nos diferentes relatos sobre sua vida, principalmente no que dizia respeito a assuntos como o rigor da pobreza e a posse de livros, eles não excluem, entretanto, a existência de uma maneira partilhada de relacionar as atitudes do santo à reação da fauna.

Mapeando tópicos que balizaram as descrições do contato do santo com outras espécies, procuraremos entender, em linhas gerais, alguns aspectos da crença desses religiosos do século XIII acerca da capacidade do homem de ordenar o mundo natural. Assim, convém examinar, de saída, sobre quais circunstâncias discorriam os hagiógrafos quando narraram o contato de Francisco com os animais e suas ligações com as propostas disseminadas pela Ordem dos Menores.

Da pregação itinerante ao contato com os animais

Entre as diversas passagens narradas por seus hagiógrafos, é possível perceber que os encontros de Francisco com os animais acontecem, geralmente, nas estradas, entre as idas e vindas do santo pelas cidades e povoados onde pregava. Nos escritos sobre sua vida, sejam aqueles produzidos por Tomás de Celano, sejam os produzidos por Boaventura, são frequentes os relatos sobre os percursos por ele transcorridos ou as cidades onde era hospedado. Em sua *Primeira vida*, Tomás de Celano conta que “numa ocasião em que viajava pela Marca de Ancona e tinha pregado a palavra de

¹² Sobre a querela entre espirituais e conventuais franciscanos, Cf. BURR, David. *The Spiritual Franciscans: From Protest to Persecution in the Century after Saint Francis*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2001. FALBEL, N. *Os Espirituais Franciscanos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.

Deus nessa cidade [...], [Francisco] encontrou no campo um pastor apascentando um rebanho de cabras e bodes”, havendo ali, entre eles, “uma ovelhinha, a andar humildemente, pastando sossegada”. Associando a presença da ovelha entre os outros bichos à presença de Cristo entre os pecadores, ele conta que o santo resgatou o animal, oferecendo-o posteriormente a um convento de religiosas.¹³ Um relato moralizante é igualmente extraído na *Segunda vida*, de Celano, a respeito do castigo sofrido por “uma porca muito brava”, que teria devorado um cordeiro visto por Francisco “numa noite em que o servo do Excelso hospedou-se no mosteiro de São Verecundo, da diocese de Gúbio”.¹⁴ Boaventura, do mesmo modo, relata como Francisco, “caminhando, pois, pelos arredores de Siena, encontrou nos campos um grande rebanho de ovelhas”. Após saudá-las, “segundo seu costume”, as ovelhas “abandonaram o pasto e correram todas para ele, e levantando as cabeças, o olhavam com os olhos fixos nele”.¹⁵

Obras que se valiam de descrições de animais para a instrução e a edificação dos fiéis já não eram raras no tempo em que foram escritas as *Vidas* de Francisco. Entre os séculos XII e XIII, havia ganhado fôlego a produção de textos que, por sua pretensão de reunir informações acerca de um grande repertório de espécies animais, ficaram conhecidas como “bestiários”.¹⁶ Tomando por base escritos antigos, como o *Fisiólogo*¹⁷ e as *Etimologias*¹⁸ de Isidoro de Sevilha, os bestiários renovaram o interesse dos cristãos em um conjunto amplo de animais. Organizados a partir de pequenos capítulos dedicados a cada espécie, eram assinalados nos bestiários as condutas e os aspectos físicos dos animais, bem como os significados espirituais e moralizantes ali presentes. Em verso e em prosa, em latim e língua vulgar, ilustrados ou não, esses textos foram escritos para serem utilizados na instrução das cortes, nos mosteiros, nas pregações paroquiais ou até mesmo para auxiliar os exegetas nas Escrituras.¹⁹ Os bestiários ajudaram a consolidar, em torno de algumas espécies, significados e exemplos a serem observados pelos fiéis, mas falaram pouco da maneira como agiam diante dos homens, dos virtuosos e dos pecadores. Ao narrar as andanças de Francisco, seus hagiógrafos destacam justamente os desdobramentos de sua presença no mundo natural.

A presença do santo de Assis nas estradas e no seio das urbes estava atrelada, em grande medida, às propostas apostólicas e missionárias disseminadas por ele, que

¹³ CELANO, Tomás de. Primeira vida de São Francisco, *Op. cit.*, Primeiro Livro, cap. XXVIII, sent. 77.

¹⁴ CELANO, Tomás de. Segunda vida de São Francisco. *Op. cit.*, Segundo Livro, cap. LXXVII, sent. 111.

¹⁵ BOAVENTURA. Legenda Maior de São Francisco. *Op. cit.*, cap. VIII, sent. 7.

¹⁶ BIANCIOTTO, Gabriel. *Bestiaires du Moyen Âge*. Paris: Stock, 1980.

¹⁷ *PHYSIOLOGOS: le bestiaire des bestiaires*. Paris: Jérôme Million, 2004.

¹⁸ ISIDORO de Sevilla. *Etimologías*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2004.

¹⁹ Para um panorama sobre os estudos dedicados a temas relacionados aos bestiários Cf. VAN DEN ABEELE Baudouin. *Bestiaires médiévaux: Nouvelles perspectives sur les manuscrits et les traditions textuelles*. Louvain-la-Neuve Publications de l'institut d'études médiévales 2005; CLARK, Willene B; MCMUNN Meradith T. *Beasts and Birds of the Middle Ages. The Bestiary and its Legacy*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

vinculavam a vida espiritual e o serviço a Deus à mendicância e à pregação itinerante.²⁰ Ao amparar suas mensagens no apostolado e na imitação de Cristo, Francisco procurou adequar as atividades do clero regular aos meios urbanos e às estradas, ambientes que se tornavam familiares aos seus discípulos. Com a finalidade de reformar os costumes e salvar as almas de cristãos e infiéis, a vida adotada por Francisco era evocada para afirmar a necessidade de seus confrades em deixarem seu convento para ir de cidade em cidade, de reino em reino, chegando a tocar regiões longínquas para disseminar o Evangelho.²¹ Seus hagiógrafos contam, inclusive, que Francisco empreendeu por três vezes viagens para pregar aos muçulmanos, tendo encontrado pessoalmente, em uma delas, com o sultão do Egito, Malik al-Kamil, para tentar convertê-lo ao cristianismo.

Se compararmos o contato entre Francisco e as bestas com o de outros santos anteriores a ele, é possível compreender com mais detalhes o papel desempenhado pela pregação itinerante e pelo apostolado na relação estabelecida com o mundo natural. As hagiografias de São Jerônimo, por exemplo, tornaram conhecido um leão que entrou no monastério onde residia, em Belém, enquanto ouvia lições junto de seus companheiros. Os relatos sobre sua vida contam que, ao avistarem a grande fera, todos os religiosos fugiram assustados, exceto Jerônimo, que logo percebeu que ele tinha um espinho em sua pata. Após o santo tê-lo retirado e tratado de seus ferimentos, o animal perdeu todos os traços de selvageria e passou a acompanhar Jerônimo e seus companheiros nos afazeres cotidianos do monastério.²² Narrada já por alguns contemporâneos de Jerônimo, no século V, a história foi largamente disseminada após ter sido incluída na *Legenda Áurea*, escrita por Jacopo de Varazze, em meados do século XIII.²³

A passagem da vida de Jerônimo, que associa simbolicamente o amansamento do animal ao controle dos desejos carnis, permite o reconhecimento de algumas particularidades da relação estabelecida por Francisco com a fauna, e, em especial, em dois aspectos principais: por um lado, ao contrário de Jerônimo, que recebe e convive com o leão dentro do monastério, compartilhando com ele a vida cenóbica, o santo de Assis, como já pontuado, geralmente encontrava os animais em suas viagens e caminhadas entre os vilarejos e as cidades escolhidas para realizar suas pregações. Em vez de optarem por lugares afastados e isolados da comunidade secular para a instalação de seus conventos, como era comum entre as ordens monásticas, os franciscanos costumavam eleger meios citadinos como os espaços mais adequados para a construção de suas habitações. Isso porque, para eles, a realização das pregações deveria ser favorecida pela proximidade com as aglomerações populacionais.

²⁰ DANIEL, E. *The franciscan concept of mission in the High Middle Ages*. Nova Iorque: Franciscan Pathways, 1992, p. 102-105.

²¹ *Ibidem*, p. 1-25.

²² SALTER, David. *Holy and Noble Beasts Encounters with Animals in Medieval Literature*. Cambridge D. S. Brewer, 2001, p. 12.

²³ VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução, introdução e notas de Hilário Franco Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 828-829.

Por outro lado, as hagiografias de Francisco não eram centradas em uma espécie ou em um animal particular, mas, ao contrário, procuravam indicar que sua postura positiva e direta abrangia todas as criaturas.

A relação entre os ideais missionários de pregação e a postura adotada diante dos animais adquire tons mais claros em uma célebre passagem da vida de Francisco: o sermão pregado às aves, que teria realizado na estrada que levava a Bevagna, uma cidade da província de Perúgia. A história desse encontro está presente tanto nas hagiografias escritas por Tomás de Celano quanto naquelas escritas por Boaventura, mas é apenas esse último que torna o vínculo explícito. O episódio é importante por ocorrer justamente após uma reflexão de Francisco sobre o modo de vida mais adequado a um religioso, em que hesitava entre aquele dedicado à oração e aquele voltado à pregação.²⁴ Após passar um longo período isolado em um eremitério, Francisco caiu em “grande agonia” por suas dúvidas sobre a maneira de conduzir a vida religiosa e passou a indagar seus próximos: “meus irmãos, o que me aconselhais, que louvais? Que devo dedicar-me a oração ou que devo percorrer pregando?”. Foi consultar companheiros de confiança, Frei Silvestre e Clara de Assis, e ambos “concordaram ser do beneplácito divino que o arauto de Cristo saísse a pregar”.²⁵ Francisco partiu e, logo, encontrou as aves na estrada.

De acordo com Boaventura, quando já estava próximo à cidade, ele “chegou a um lugar onde se reunira uma enorme multidão de aves das mais diversas espécies. Ao vê-las, o Santo de Deus correu alegre para lá e as saudou, como se participassem da razão”. Sem debandar, as aves permaneceram ali, inclinando-se “para ele, de modo insólito, até que se achegasse a elas. Ele pediu-lhes a todas solícitamente que ouvissem a palavra de Deus [...]”. Tendo-as exortado a louvar a Deus, “as avezinhas, gesticulando de modo admirável, começaram a esticar o pescoço, estender as asas, abrir o bico e olhar para ele atentamente”. Pregando os preceitos da fé às criaturas aladas no chão, Francisco, segundo Boaventura, “passava no meio delas, tocava-as com a túnica e, no entanto, nenhuma se movia do lugar, até que, tendo feito o sinal-da-cruz dando licença, todas juntas levantaram voo com a bênção do homem de Deus”. Após ter retornado ao seu grupo de companheiros, conta Boaventura que Francisco “começou a recriminar-se de negligência por, até então, não ter pregado para as aves”.²⁶

Francisco não havia pregado antes para as aves, nem para nenhum outro animal, pode-se dizer, porque ainda não havia equacionado as contradições que afastavam uma religiosidade baseada na contemplação daquela fundamentada na disseminação universal da palavra. A postura adotada pelo santo diante dos animais foi o primeiro desdobramento de sua decisão, incentivada pela opinião de seus compa-

²⁴ BLASTIC, Michael W. Prayer in the writings of Francis of Assisi and the early brothers. In: JOHN-SON, Timothy J. (ed.). *Franciscans at prayer*. Leiden: Brill, 2007, p. 3-30.

²⁵ BOAVENTURA. *Legenda Maior de São Francisco*. *Op. cit.*, cap. XII, sent. 1.

²⁶ *Ibidem*, cap. XII, sent. 3.

nheiros, de não limitar o serviço a Deus à oração e contemplação, saindo em pregação itinerante. Assim, ele vinculou o respeito ascético pela criação e seus significados místicos ao ideal missionário de levar a doutrina para todo o mundo.²⁷

A irmandade das criaturas

A relação entre a vida itinerante e a atitude do santo perante os animais é evocada por Tomás de Celano por meio da figura do peregrino e do viajante. Na *Segunda Vida*, ele afirma sobre o santo que, “embora desejasse sair logo deste mundo, como de um exílio de peregrinação, não era pequena a ajuda que este feliz viajante encontrava nas coisas que são do mundo”. Assim, atento às criaturas terrestres, Francisco “recolhia do caminho os vermezinhas para que não fossem pisados, e mandava dar mel e o melhor vinho às abelhas, para não morrerem de fome no frio do inverno. Chamava todos os animais com o nome de irmão, embora tivesse preferência pelos mais mansos”.²⁸ A maneira adotada para se reportar aos animais, chamando-os usualmente por irmãos – como nas passagens sobre a “irmã cigarra” ou os “irmãos pássaros” –, indicam como a religiosidade disseminada por suas hagiografias se apoiava em uma relação fraternal que, passando pelos vínculos entre os membros da comunidade religiosa, estendia-se às outras criaturas.²⁹

As hagiografias contam que Francisco, junto aos primeiros convertidos, optou por estabelecer naquela comunidade que então se formava uma fraternidade. Tomás de Celano, na *Primeira Vida*, afirma sobre a criação da Ordem que, “quando estavam escrevendo na Regra: ‘e sejam menores’, ao ouvir essas palavras [Francisco] disse: ‘quero que esta fraternidade seja chamada de Ordem dos Frades Menores’”. Assim, seus discípulos passavam a ser chamados de frades – do termo latino *frater*, irmão –, e não de monges, vocabulário derivado do antigo grego *monos*, evocando o significado de “um” ou “sozinho”, tornando manifesta a opção pela vida solitária e isolada adotada pelos membros das comunidades monásticas.³⁰ O nome da fraternidade dos “menores” justificava-se, segundo eles, pela recusa aos privilégios e luxos em benefício da promoção de uma maior atenção a grupos desfavorecidos, como os leprosos e os pobres. Na pobreza, “desejava superar os demais, ele que aprendera dela ser inferior a todos”,³¹ assevera Boaventura sobre Francisco.

A irmandade estabelecida com os animais, nesse sentido, não estava dissociada da reafirmação de valores, como a humildade e a caridade, que aproximavam a

²⁷ SORRELL, Roger D. *St. Francis of Assisi and Nature: Tradition and Innovation in Western Christian Attitudes toward the Environment*. New York: Oxford University, 1988, p. 59-60.

²⁸ CELANO, Tomás de. Segunda vida de São Francisco. *Op. cit.*, Segundo Livro, cap. CXXIV, sent. 165.

²⁹ Cf. BERGERON, Richard. Frère François et ses frères, les animaux: évocations. *Théologiques*, Montreal, v. 10, n. 1, p. 109-129, 2002.

³⁰ LECLERCQ, J. La separation du monde dans le monachisme au moyen âge. In:_____. *La séparation du monde*. Paris : Ed. du Cerf, 1961, p. 78-79.

³¹ BOAVENTURA. Legenda Maior de São Francisco. *Op. cit.*, cap. VII, sent. 6.

silhueta de Francisco àquela de Jesus. Ao firmar esse pacto de evangelização universal, favorecendo a atuação religiosa junto a uma ampla parcela dos fieis que se encontravam afastadas do convívio paroquial, pretendia-se alcançar um público até então pouco assistido pela estrutura eclesiástica constituída. Essa inclinação por estender a pregação do Evangelho ao âmbito universal parecia revertre-se, assim, no modo como o santo se reportava às criaturas, endereçando a elas palavras e ações semelhantes àquelas que costumava dirigir aos homens. Discorrendo sobre a maneira como Francisco tratava os bichos, Tomás de Celano, em sua *Primeira Vida*, dizia que ele era “homem de grande fervor e tinha afeto muito grande, mesmo pelas criaturas inferiores e irracionais”.³² Como indica a passagem, o sentimento devotado à fauna não excluía o fato de serem consideradas “inferiores”, mas, ao contrário, destacava a atenção por ele despendida também a esses menores. A superioridade do homem em relação às demais criaturas era justificada, naqueles tempos, por considerarem a espécie humana a única criada sob a imagem de Deus. Essa “imagem” que ligava diretamente o homem ao seu Criador não se referia somente à forma de seu corpo, mas, sobretudo, pelo elemento espiritual presente em sua alma humana, inexistente em outras criaturas.

Assim, a maneira como Francisco se referia aos animais, chamando-os todos de “irmãos”, não significou uma equalização entre o estatuto do homem e o de outros animais, tampouco uma crítica à sujeição que os humanos impunham a outras espécies. Se a expressão sugere uma horizontalidade, ela deve ser compreendida, antes, a partir de uma ênfase na descontinuidade que demarcava em duas categorias distintas e opostas o Criador e as criaturas, o espiritual e o terrestre. O emprego do termo “irmão” para se referir a elementos do cosmos ou às matérias primordiais, como o “irmão sol”, a “irmã Lua” ou “o irmão fogo”, por exemplo, indicam que essa relação não significaria propriamente uma elevação do estatuto dos animais ao mesmo patamar ocupado pelos homens, mas sim pela adoção de uma relação diferenciada com esses seres inferiores, encarando-os como produtos de um mesmo Artífice. Na *Legenda Menor*, Boaventura torna explícita essa conexão, dizendo que Francisco, “por considerar também a primeira origem de todas as coisas, chamava com o nome de irmão e irmã, as criaturas, por mais módicas que fossem, como oriundas todas, junto com ele, de um mesmo princípio”.³³

Embora essa relação não significasse para seus hagiógrafos um igualitarismo capaz de estender a outras criaturas a possibilidade para a salvação da alma, a ênfase nessa ligação de causa e efeito entre Criador e criatura, aliada à proximidade do mundo natural suscitada pela pregação itinerante, contribuiu para que as atitudes de Francisco diante das criaturas fossem descritas como singulares e virtuosas. Tomás de Celano chegou a afirmar que chamando “todas as criaturas de irmãs”, o santo intuía “seus segredos de maneira especial, por ninguém experimentada”. Os relatos

³² CELANO, Tomás de. Primeira vida de São Francisco. *Op. cit.*, Primeiro Livro, cap. XXI, sent. 58.

³³ BOAVENTURA. Legenda Menor de São Francisco. *FONTES Franciscanas, Op. cit.*, cap. III, sent. 6.

sobre sua vida apontam, de maneira relativamente homogênea, para adoção de uma atitude ativa e pacífica em relação ao mundo animal. Entre as diferentes passagens dadas a lume por Celano em sua *Segunda Vida*, ele cita um falcão com quem Francisco fez um “grande pacto de amizade” e que sempre anunciava com seu canto a hora do serviço noturno, mas, quando o santo foi atingido por uma doença, “o falcão o poupava e não dava o sinal para as tão rigorosas vigílias”.³⁴ Sinal de suas virtudes teria sido também um faisão doado por um nobre italiano que não deixava de estar ao lado de Francisco e, mesmo sendo levado muito longe de sua residência, o pássaro retornava junto a ele, até que “o Santo mandou que cuidassem de alimentá-lo, abraçando-o e afagando-o com palavras carinhosas”.³⁵ Mas, como chamavam atenção seus hagiógrafos, não era apenas o santo que adotava uma postura diferenciada diante da fauna, pois ela também, reciprocamente, adquiria um comportamento particular diante dele. Como anuncia Boaventura, “para tais criaturas irracionais o homem cheio de Deus, era levado, por um piedoso afeto de humanidade, pois, elas também, por sua vez, se inclinavam de modo tão admirável para atender suas instruções e obedecer suas ordens”.³⁶

Ordem e obediência

Tomando em conjunto as descrições das atitudes de Francisco perante a fauna, é possível notar a convergência para um ponto comum, nomeadamente, a obediência com que atendiam a seu comando. Das diferentes e variadas passagens que abordam sua interação com os animais, a eficácia das ordens proferidas pelo santo parece ser um dos temas centrais de suas experiências entre os bichos. Tomás de Celano conta que, certo dia, Francisco tomou uma cigarra em sua mão e mandou que cantasse em louvor ao Criador, a quem se juntou entoando seus próprios cânticos. “Quando o Santo descia da cela”, afirmava ele, “tocava-a sempre com as mãos e mandava que cantasse, e ela mostrava-se sempre satisfeita em submeter-se às suas ordens”.³⁷ Entre as diversas andanças realizadas por Francisco nas cidades e povoados onde pregava, Celano afirma que, certa vez, no povoado de Alviano, o santo havia subido em um morro para falar àquela gente, mas uma “porção de andorinhas, que tinham ninho naquele lugar, faziam uma algazarra e muito ruído”. Dirigindo-se a elas, Francisco teria proferido estas palavras: “minhas irmãs andorinhas, já está na hora de eu lhes falar também, porque até agora vocês já disseram o suficiente. Ouçam a palavra de Deus e fiquem quietas e caladas até o fim do Sermão do Senhor”. De acordo com sua narrativa, os pássaros então se calaram e aquelas pessoas ficaram

³⁴ CELANO, Tomás de. Segunda Vida de São Francisco. *Op. cit.*, Segundo Livro, cap. CXXVII, sent. 168.

³⁵ *Ibidem*, Segundo Livro, cap. CXXIX, sent. 179.

³⁶ BOAVENTURA. Legenda Menor de São Francisco, *Op. cit.*, cap. V, sent. 6.

³⁷ CELANO, Tomás de. Segunda Vida de São Francisco, *Op. cit.*, Segundo Livro, cap. CXXX, sent. 171.

maravilhadas com a obediência com a qual os animais atendiam aos seus comandos.

Não é fortuito o título do capítulo em que Celano narra esse e outros encontros de Francisco com a bicharada, *Pregação aos pássaros e obediência das Criaturas*, pois indica a eleição do controle exercido sobre os animais como sinal de sua santidade. Esses escritos voltados para contar as virtudes e os feitos do santo sugerem a presença de um intercâmbio entre suas qualidades e o comportamento adotado pelos animais. E, sobre essa questão, eles parecem estar de acordo que a obediência absoluta manifestada por Francisco aos desígnios de Deus se refletia na maneira como as bestas reagem a seus desejos. Quando chega ao fim do mencionado capítulo, Tomas de Celano conclui afirmando que “foi assim que o glorioso pai São Francisco, andando pelo caminho da obediência e escolhendo com perfeição o jugo da submissão a Deus, recebeu diante do Senhor a grande dignidade de ser obedecido pelas suas criaturas”.³⁸

Uma concepção muito semelhante pode ser encontrada nos escritos de Boaventura sobre a articulação entre o comportamento exemplar de Francisco e a maneira como os animais agiam. Na *Legenda Maior*, o hagiógrafo afirma que o santo “chegara a tanta pureza que, numa harmonia admirável, a carne se punha de acordo com o espírito e o espírito com Deus, acontecia, por ordenamento divino, que a criatura, servindo a seu Feitor, lhe ficasse admiravelmente à sua vontade e ordem”.³⁹ Estabelece-se, desse modo, um paralelo entre o domínio do espírito sobre o corpo e o domínio do homem sobre os animais, indicando que, para os homens daquela época, a relação com as bestas passava fundamentalmente por um controle de si. Assim, a capacidade do homem em submeter a fauna a serviço de suas necessidades resultaria do mesmo poder que permite ao homem suprimir seus desejos pecaminosos, a fim de viver de forma virtuosa. Reafirmando o vínculo entre a maneira como os animais agiam e a anuência divina, Boaventura indica que “não apenas as criaturas obedeciam ao sinal do servo de Deus, mas também, em toda parte, a providência do Criador acedia a seu agrado”.⁴⁰

As passagens que tratam da obediência dos animais encontrados pelo santo confluem para a ideia de que seu comportamento diante do homem era o resultado do exercício das virtudes, da fé incondicional ao Criador e do respeito aos preceitos disseminados por sua Igreja. Desse modo, nas descrições sobre sua convivência com outras espécies relatada pelos hagiógrafos está a ideia de que sua soberania passava primeiramente por um controle dos desejos de seu corpo, a quem significativamente Francisco deu o nome de um animal: o irmão Asno. Nessa forma de referir-se ao próprio corpo, era evidenciada a relação então estabelecida entre o controle do condutor sobre sua montaria e o domínio do espírito sobre a carne.

É Tomás de Celano quem põe a expressão na boca de Francisco, justamente em uma ocasião em que fora tomado por “uma gravíssima tentação da luxúria”. Ao

³⁸ CELANO, Tomás de. Primeira Vida de São Francisco. *Op. cit.*, Primeiro Livro, cap. XXI, sent. 59.

³⁹ BOAVENTURA. Legenda Maior de São Francisco. *Op. cit.*, cap. V, sent. 9.

⁴⁰ *Ibidem*, cap. V, sent. 11.

se dar conta do desejo que crescia em seu corpo, Francisco “tirou a roupa e se açoitou duramente com uma corda, dizendo: ‘vamos, irmão asno, é assim que te debes comportar, é assim que tens de ser castigado’”.⁴¹ Essa mesma maneira de conceber a bestialidade como expressão das vontades da carne foi evocada por Celano na narração dos longos períodos de abstinência praticados por Francisco, em que era frequentemente assolado pela fome. Endereçando-se à própria carne, o santo dizia: “se vier com essas queixas, depois de ter devorado uma ração suficiente, podeis saber que o jumento vagabundo espera o chicote e que o burrinho empacado está esperando o chicote”.⁴² Utilizando termos como “ração”, “devorar” e “chicote”, ele enfatiza o caráter bestial da satisfação dos desejos do corpo e reprime-os em prol de uma elevação do espírito. Ao equacionar as contradições que opunham uma postura contemplativa da obra de Deus a uma abordagem ativa na divulgação universal da fé, as passagens sobre a vida do santo deram amplitude à relação entre controle interior das vontades do corpo e o controle do mundo exterior, manifesto pela obediência prestada pelos animais a seus comandos.

A sujeição que Francisco impunha a si próprio foi também abordada para reafirmar a obediência prestada por sua Ordem aos desígnios das instituições eclesíásticas superiores. Sua sujeição ao Papa, destacada com frequência pelos que se propuseram narrar sua vida, pode ser ilustrada pelo encontro entre o ilustre assisense e Inocêncio III, contada por Rogério de Wendover, um monge inglês que compôs um breve relato sobre Francisco, ainda na primeira metade do século XIII. Ele conta em um tom claramente elogioso que o frade de Assis foi a Roma solicitar a aprovação da *Regra* elaborada para conduzir a vida de seus companheiros. O papa, ao ler o pedido “tão duro”, desprezou-o dizendo: “vai, irmão e procura porcos! É mais a eles que debes propor esta vida do que a homens! Resolve-te com eles na pocilga e, entregando-lhes a Regra por ti preparada, aperfeiçoa o ofício de tua pregação”. Então, “de cabeça inclinada”, Francisco saiu à procura de porcos e, “por longo tempo, resolveu-se com eles, até que todo seu hábito e corpo estivessem cheios de lama”. Enlameado, Francisco voltou à presença do papa que, “tomado de profunda comoção”,⁴³ percebeu o erro que cometera e concedeu a permissão para fundar a comunidade religiosa. A sujeição estrita ao papado foi, inclusive, um dos fatores que possibilitou o reconhecimento de sua Ordem, que, em muitos aspectos, ia contra as práticas adotadas pela maioria dos religiosos de seu tempo.⁴⁴ Para lembrar apenas um exemplo de comunidade religiosa que tomara outra trajetória, os Valdenses, surgidos no mesmo período que os Menores, embora pregassem práticas muito parecidas com as divulgadas por Francisco – sobretudo no que tangia ao voto de pobreza e na adoção de uma vida mais literal do Evangelho – negavam-se a se submeter à hierarquia eclesíástica, a

⁴¹ CELANO, Tomás de. Segunda Vida de São Francisco. *Op. cit.*, Segundo Livro, cap. LXXXII, sent. 116.

⁴² *Ibidem*, Segundo Livro, cap. XCII, sent. 129.

⁴³ WENDOVER, Rogério. Chronica. In: *FONTES Franciscanas*, *Op. cit.*, p. 1299.

⁴⁴ ROBSON, Michael. *The Franciscans in the Middle Ages*. Woodbridge: Boydell Press, 2006, p. 69-81.

quem considerava corruptos e soberbos. Tal incisiva decisão acabou por enquadrá-los como heréticos, e, conseqüentemente, perseguidos pela Santa Sé.⁴⁵

O elogio à obediência foi frequentemente evocado por seus hagiógrafos para instruir o modo como seus seguidores deveriam se comportar tanto frente à hierarquia eclesiástica, como no interior da Ordem. Por diversas vezes, Tomás de Celano e Boaventura dão voz às lições proferidas por Francisco aos primeiros religiosos que se juntavam a ele para apresentar os benefícios do que ele mesmo chamava de “santa obediência”. E se à obediência era atribuído um valor sagrado, como sugerido pela expressão empregada pelo santo, sua recusa adquiriu frequentemente significados associados ao erro e ao Mal. Após um frade ser admoestado por não se submeter ao preceptor eleito para ele, Tomás de Celano conta que Francisco se dirigiu a um discípulo, dizendo: “irmão, eu vi um diabo nas costas do desobediente, apertando-lhe o pescoço. Guiado por tal condutor, desprezava o freio da obediência e seguia as rédeas do seu instinto. Quando roguei ao Senhor pelo irmão, logo o demônio foi embora todo confuso”.⁴⁶ Valendo-se novamente da alegoria da montaria e do condutor, Celano aponta para o controle do espírito sobre a carne, para reafirmar, baseado no exemplo de Francisco, o domínio a que seus confrades deveriam se submeter. A abrangência dessa obediência estendia-se a todas as criaturas e, igualmente, aos espaços frequentados pelo santo, como sugere Boaventura, chamando a atenção para o fato de que ele “esforçava-se tanto em sujeitar-se não apenas aos superiores, como também aos inferiores, que costumava prometer obediência até ao companheiro de viagem, por mais simples que fosse”.⁴⁷

A obediência irrestrita adotada por Francisco nas viagens indica como a prática da pregação itinerante, ampliando sua atuação para espaços até então pouco explorados pelo ofício clerical, favoreceu a consolidação de um controle que passava, cada vez mais, a ser estabelecido de si para consigo. Dito de outro modo, ao optar por um modo de vida regular, baseado na mobilidade da evangelização, fez-se necessário introjetar um apreço à obediência que não dependesse da presença de um superior, mas que, antes, pudesse se realizar horizontalmente e, sobretudo, interiormente. O assunto é diretamente abordado por Tomás de Celano em sua *Segunda Vida*, quando argumenta, recorrendo à voz de autoridade do santo, que “a verdadeira obediência devia ser até descoberta antes de manifestada e desejada antes de imposta”. Passando a palavra a Francisco, o hagiógrafo transcreve que “se um irmão que é súdito não só ouvir a voz mas até perceber a vontade de seu superior, deve tratar de obedecer imediatamente e de fazer o que, por algum indício, adivinhou que ele quer”.⁴⁸ Ao colocar a ênfase sobre a obediência propalada por Francisco em suas

⁴⁵ PACAUT, M. *Les Ordres Monastiques et Religieux au Moyen Age*. Paris: Fernand Nathan, 1970, p. 116-117.

⁴⁶ CELANO, Tomás de. Segunda Vida de São Francisco, *Op. cit.*, Segundo Livro, cap. VI, sent. 34.

⁴⁷ BOAVENTURA. Legenda Menor de São Francisco, *Op. cit.*, cap. III, sent. 4.

⁴⁸ CELANO, Tomás de. Primeira vida de São Francisco, *Op. cit.*, Primeiro Livro, cap. XVII, sent. 45.

palavras e em seus atos, seus hagiógrafos acabam por contribuir para certa naturalização da obediência, naturalização essa que encontra em sua relação com os animais o ápice de sua realização.

Considerações finais

Aliando duas ideias aparentemente díspares, a fraternidade, exprimindo uma horizontalidade; e a obediência, aludindo a uma relação vertical, os relatos sobre a vida do santo apontam para o entrelaçamento de três elementos fundamentais, presentes em sua relação com outras espécies: o arbítrio dos homens, o comportamento dos animais e os desígnios de Deus. Nessa trama, firmavam a presença das virtudes e dos vícios como determinantes para o entendimento acerca da capacidade dos homens em ordenar o mundo natural e colher dele benefícios. Na opinião de Boaventura, Francisco “foi de tão admirável doçura e virtude que domou a ferocidade dos animais ferozes, domesticou os animais silvestres, ensinou aos mansos e reconduziu à obediência a natureza rebelde dos animais ao homem decaído”.⁴⁹ De forma semelhante, Tomás de Celano procura afirmar que a disciplina com que os animais atendiam a sua voz se explicava pelas virtudes praticadas por ele: “todas as criaturas procuravam retribuir o amor do Santo e responder por seus méritos com sua gratidão. Sorriam quando ele as acariciava, atendiam quando chamava e obedeciam quando mandava”. O hagiógrafo do santo de Assis ainda completa: “acho que havia retornado à inocência primitiva esse homem que amansava, quando queria, o que é feroz”.⁵⁰

Associar a mansidão dos animais a um estado pré-Queda vivenciado pelos primeiros Pais não significava apenas afirmar a pureza do santo, mas também estreitar os laços que unem um comportamento pacífico e benéfico dos animais ao exercício das virtudes e à repreensão dos pecados. Tais passagens sugerem que as virtudes manifestas pela obediência e pelos exemplos oferecidos por Francisco teriam apagado seus pecados a ponto de suscitar com os animais uma interação análoga àquela conhecida por Adão e Eva no Paraíso, antes do cometimento do primeiro pecado. Dominá-las, castigando sua rebeldia e exaltando sua sujeição, era essencialmente um ato de fé, uma prática que reafirmava uma supremacia do homem religioso sobre todos os outros.

Vale notar que essa concepção está amparada por uma leitura da narrativa do *Gênesis* bíblico, que procurava identificar na origem do mundo uma explicação para o modo como os animais se comportavam diante dos homens. Exercida inicialmente no jardim edênico com absoluta eficácia, a governança do homem sobre as bestas foi abalada pelo pecado original, resultando em uma profunda alteração no compor-

⁴⁹ BOAVENTURA. Legenda Maior de São Francisco, *Op. cit.*, cap. VIII, sent. 11.

⁵⁰ CELANO, Tomás de. Segunda Vida de São Francisco, *Op. cit.*, Segundo Livro, cap. CXXV, sent. 166.

tamento dos bichos. Como explicavam tratados, comentários e outros textos dedicados ao tema, por causa do pecado dos primeiros pais, os animais já não obedeciam mais ao homem, a quem outrora atendiam sem impor qualquer dificuldade.⁵¹ A mudança da postura dos animais diante do homem pecaminoso não indica apenas uma coincidência entre a desobediência do homem para com Deus e a desobediência dos bichos para com o homem, mas também sugere que, de certo modo, os homens eram responsáveis pela condição dos animais.

O comportamento da fauna antes e depois da expulsão do Paraíso, em referência ao homem inocente e ao pecaminoso, parece ter sido um importante parâmetro para definir como um homem livre de erros, como se supunha acontecer com um santo, poderia exercer um controle sobre essa parcela importante do mundo natural. Prometendo o controle sobre o comportamento dos animais ao mesmo tempo em que garantia um serviço a favor da salvação de suas almas, as vidas de São Francisco sugerem que o homem, em suas escolhas morais e na fé depositada em Deus, é responsável tanto pela hostilidade quanto pela docilidade das bestas. E o que determinava a condição em que se encontravam eram as virtudes e os vícios praticados pelos homens, sendo a obediência aos preceitos do Criador um aspecto preponderante para sua definição.

Artigo recebido em 27 de maio de 2016.

Aprovado em 30 de junho de 2016.

⁵¹ Cf. ALBERT, the Great. *Man and the Beasts: De Animalibus Books 22-26*. Introduction and traduction by James Scalan. New York: Medieval & Renaissance Texts & Studies, 1987; LATINI, Brunetto. *Le Livre du Trésor de Brunetto Latini*. Traduction, notes et commentaires par Bernard Ribémont et Silvère Menegaldo. Paris: Editions Champion, 2013.